

HOMENAGEM A ORLANDO RIBEIRO

ILÍDIO DO AMARAL

Decorreu no dia 16 de Fevereiro o jubileu de Orlando Ribeiro, assinalado por vários actos com muita afluência de admiradores, entre os seus amigos, colegas e alunos, que assim quiseram testemunhar, mais uma vez, o grande apreço pelo Mestre. Outros, impedidos de estarem presentes, manifestaram-se por vários modos.

Em sessão realizada no Anfiteatro I da Faculdade de Letras de Lisboa, disseram palavras de homenagem o Reitor da Universidade de Lisboa, o Presidente do Conselho Científico e um membro do Conselho Directivo da Faculdade, um professor da Faculdade de Letras de Coimbra, em seu nome, no de outros colegas e no da Universidade onde o homenageado também foi docente, e o Autor desta notícia, que é um dos seus discípulos mais antigos.

Orlando Ribeiro, não tendo querido proferir a «última lição», preferiu evocar episódios da sua vida de Geógrafo, docente universitário e investigador científico, com a simplicidade e a beleza a que desde há muito nos habituou.

Seguidamente foi inaugurada, em sala da Faculdade de Letras, uma exposição com documentnos e outros testemunhos da sua prodigiosa obra, das suas numerosas actividades. Um almoço volante no Salão Nobre da Reitoria da Universidade de Lisboa foi mais um momento de salutar confraternização, de todos quantos puderam estar com o Mestre e Amigo.

Melhor que ninguém traçou ele a sua própria biografia em «Trinta e cinco anos de estudos geográficos», texto de «Introdução» aos seus *Ensaio de Geografia Humana e Regional* (Lisboa, 1.^a edição em 1970), onde retraça «os passos de uma

carreira já longa, dedicada inteiramente à pesquisa e ao ensino no campo da Geografia». Seguiremos muito de perto esse texto.

Ainda muito jovem, na modestíssima biblioteca do seu avô Augusto Carvela, um major reformado, «pessoa metódica, dotado de inteligência robusta e de viva curiosidade», iniciou as primeiras leituras de textos de história e geografia, entre os quais se incluíam as *Viagens Maravilhosas* de JULES VERNE. No convívio com os avós e outros familiares ouviu «narrar histórias, episódios da vida, usos e coisas do passado», que mais tarde se mostrariam úteis nos trabalhos com o seu Mestre J. LEITE DE VASCONCELLOS. A curiosidade da História nasceria sobretudo da leitura dos romances de A. HERCULANO «e do gosto de ruínas e de coisas do passado». Nessas evocações da meninice inclui-se a de um tio «africanista», irmão da avó, de quem recebeu os primeiros conhecimentos sobre o Ultramar, mais exactamente sobre Angola, pois aí ele vivera em Benguela e casara com uma senhora mulata.

Enquanto estudante liceal, na biblioteca do liceu continuaria a percorrer os clássicos e historiadores. Pela mesma altura descobriria «a divina música', companheira fiel do sofrimento e da alegria». A leitura de *Religiões da Lusitânia*, no começo do sexto ano liceal, abrir-lhe-ia a curiosidade pela Arqueologia, «a arte de evocar o passado através dos seus restos miúdos e incompletos».

Ganhavam contornos e definiam-se assim as suas preferências, no decorrer de uma juventude calma. O gosto da Geografia ficaria a dever «ao amor da natureza e da vida do campo, desenvolvido em longos passeios a pé, que dava nos arredores de Viseu», onde esteve a férias durante três anos. E, na biblioteca do liceu, enquanto manuseava os atlas geográficos, designadamente o de VIDAL DE LA BLACHE, fantasiava as grandes viagens que um dia gostaria de fazer... Foi por volta dos treze anos que teve o seu primeiro contacto com o *Tratado de Geografia Física* de EMMANUEL DE MARTONNE, mal imaginando que, dez anos depois, viria a ser seu discípulo!

Uma vez terminados os estudos secundários, no Liceu Passos Manuel, em Lisboa, entrou para a Faculdade de Letras, «ao tempo, uma escola má com alguns professores excelentes», uns tantos no fim da carreira ou já aposentados, e aí frequentou

uma licenciatura cujo nível «era, talvez, o menos elevado. As aulas em certas cadeiras de Geografia eram de uma nulidade desoladora, em História de um impudor total, pois o professor *ditava* apontamentos *traduzidos* de livros que nos ocultava! Em Geografia o ensino era inteiramente teórico e verbal. Nunca fizemos uma excursão, nunca vimos um mapa de grande escala». Todavia, nem tudo era tão mau, pois assim o demonstram o respeito e a admiração que lhe mereceram professores com grande influência na sua formação. Sirvam de exemplos os casos de Manuel Ramos, de J. Leite de Vasconcellos, de F. da Silva Telles e outros. Do último, que tem considerado como um dos «fundadores» da Geografia moderna em Portugal (juntamente com o silvicultor B. Barros Gomes e o geógrafo A. de Amorim Girão), e do qual foi aluno apenas num curto ano lectivo, escreveria, em «Silva Telles, introdutor do ensino da Geografia em Portugal» (*Finisterra*, 1976), que foi «uma figura inesquecível de professor». E, mais ainda, «o seu ensino confirmou-me na inspiração haurida na leitura atenta do *Tratado de Geografia Física* de DE MARTONNE e na meditação dos *Princípios de Geografia Humana* de VIDAL DE LA BLACHE (depois do 2.º ano deixei a aprendizagem do Árabe e continuei a estudar História por curiosidade e obrigação mas sem ideia de me dedicar a ela). Doze anos depois havia de suceder-lhe na cátedra, durante esse tempo deserta. Afinal foi um autor com quem não mais deixei de conviver e muito tenho recordado nos meus estudos actuais sobre regiões portuguesas — 45 anos depois das aulas que lhe ouvi!».

A fim de melhor se preparar, tomou como prioritária a observação de campo, bem como a frequência de um curso de Geologia ministrado por E. Fleury no Instituto Superior Técnico, único ensino regular sobre o terreno que se praticava então em Portugal. Pouco depois de acabar o curso, em 1934, tinha a sorte de poder fazer a sua primeira grande viagem, visitando todas as colónias portuguesas do Atlântico e a ilha da Madeira, num Cruzeiro de Férias que durou cerca de dois meses. Para o jovem licenciado, que desejava ser geógrafo, foi, certamente, um inesperado e vantajoso alargamento de horizontes.

Dos primeiros escritos, não publicados, o Autor prometeu incluir, num outro volume dos seus *Ensaio*s, «O crescimento

de Lisboa», redigido por volta de 1933. Entre os publicados figura em primeiro lugar um artiguinho sobre «Geografia Humana», saído em *Medicina*, Revista de Ciências Médicas e Humanismo, da Associação dos Estudantes de Medicina de Lisboa. Seguiram-se um outro sobre Barros Gomes e algumas recensões. *A Arrábida. Esboço geográfico*, Lisboa, 1935, dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras de Lisboa, constituiu o seu primeiro trabalho de fôlego. Todavia, ele próprio o considera «um estudo de Geografia regional para o qual estava deficientemente preparado»; ...«o esboço tem de ser refeito e escrito de novo para corresponder à orientação dos meus trabalhos posteriores». H. LAUTENSACH, a quem tanto ficaram a dever Orlando Ribeiro e toda a Geografia Peninsular, classificá-lo-ia como «primeiro trabalho, escrito com clareza e elegância, mas ainda longe, pelo método e o valor das observações, dos estudos posteriores do Autor».

Na orientação da sua carreira foi decisiva a estadia em Paris, entre 1937 e 1940, como leitor de Português na Sorbonne, e, por sua conta, estudante de Geografia e de outras matérias afins, tendo frequentado cursos de Em. De Martonne (Geografia física, no Instituto de Geografia), de A. Demangeon (Geografia humana, na Escola Normal Superior), com os quais estabeleceria sólidas amizades. Conviveria naquela cidade com outros colegas que, com o correr do tempo, também viriam a ser figuras de relevo na Geografia: J. Demangeot, J. Gottmann, R. Raynal, F. Joly, H. Church, H. Awad, e tantos outros. A grande admiração por E. De Martonne está bem expressa num artigo de 1973, em *Finisterra*, «Emmanuel De Martonne (1873-1955)», quer pelo Homem, quer pelo professor cujas aulas o seduziam «pelo que nelas havia de rigor, de exigência e, ao mesmo tempo, de virtuosismo, chegando de uma maneira rítmica, a interpretações luminosas».

Se as excursões interuniversitárias francesas muito contribuíram para o alargamento das suas relações e dos seus conhecimentos científicos, o XV.º Congresso Internacional de Geografia, Amesterdão 1938, o primeiro a que assistiu, foi um acontecimento importante na sua vida, pela qualidade científica inexcelsível que caracterizou tal reunião, dominada por grandes figuras de expressão francesa e alemã, de

escolas geográficas cujas influências marcam indelevelmente a sua obra.

Ao regressar a Portugal, seria convidado primeiro pela Faculdade de Letras de Coimbra, como professor extraordinário, seria nomeado depois, por escolha fundamentada do seu currículo científico, professor catedrático em Lisboa. «Tinha trinta e dois anos e, além duma tese insuficiente, apenas havia publicado uma memória extensa sobre o «Pastoreio na Serra da Estrela» e alguns artigos que revelavam, com a minha modesta tese doutoral, orientação mais segura». Em Coimbra usufruiu da companhia de Paulo Merêa, P. David, V. Correia, J. de Carvalho, M. Paiva Boléo, P. Quintela, A. Fernandes Martins e muitos outros, com quem trocou conhecimentos científicos e amizades profundas.

Porém, «em Lisboa não havia nada de comparável ao ambiente de camaradagem da Universidade de Coimbra. Numa Faculdade velha e mal instalada, cada qual se escapulia depois de dar as aulas, uma vez que não existiam gabinetes e lugares de convívio». Em tal quadro adivinha-se o impacto que o dinamismo e a forte personalidade de ORLANDO RIBEIRO tiveram sobre o desenvolvimento da Geografia, numa altura em que ela quase não existia em Lisboa. Da sua actividade em trabalhos de campo, particularmente na Beira Baixa, testemunham bem os importantes artigos em domínios da geografia física e da geografia humana com os quais foi consolidando a sua personalidade. Os anos de guerra, apesar do isolamento em que ficou o país, também foram bem proveitosos. Em 1945 sairia a primeira edição de *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*, difundindo algumas das suas ideias de geógrafo num público pouco habituado a tê-las em conta. «Esses foram, de facto, os anos decisivos em que me tornei geógrafo de Portugal».

Pelas suas qualidades de trabalho, de entusiasmo e de comunicação, aliadas às outras, bem cedo começou a ter à sua volta alguns discípulos e formou um Centro de Estudos (criado em 1943) que é hoje, com cerca de meia centena de investigadores e funcionários técnicos e administrativos, além de outros colaboradores, valiosas colecções de documentos geográficos (livros e revistas, mapas e plantas, fotografias e outras imagens) e publicações regulares (a revista *Finisterra*,

as colecções «Chorographia» e «Memórias», além dos textos policopiados das diversas Linhas de Acção), um organismo com prestígio internacional bem firmado. Ele próprio mais uma vez recordou a trajectória do Centro em nota dedicada a um dos primeiros colaboradores, «O desenhador José Mourão (1911-1980)», em *Finisterra* do ano passado: «Um Centro de Estudos vive principalmente da personalidade do seu animador... Lucra em possuir alguns 'brilhantes' segundos...; abaixo vem o grupo mais numeroso dos trabalhadores do espírito... Mas um Centro não é apenas uma reunião de 'sábios' ou cientistas, ...Há uma infra-estrutura, tanto mais complexa e ampla quanto maior for a dimensão de apoio técnico e administrativo».

À sua acção e dinamismo se ficou a dever, logo após a segunda guerra mundial, quando ainda se faziam sentir os efeitos dela em toda a Europa, a renovação da tradição dos congressos de Geografia. Em 1949 reunia-se em Lisboa o XVI.º; acerca da sua importância, basta repetir as palavras escritas por A. G. Ogilvie, um dos participantes: «...this Congress will live in the memory of its members as one which depended to a quite unusual degree upon the enthusiasm and the personality of the Secretary, Professor Orlando Ribeiro of the University of Lisbon; for in addition to the heavy normal duties of an organiser and to contributing several papers in the Sections, he undertook to lead two of the five long excursions. Furthermore, much larger number of the members were able to appreciate Professor Ribeiro's admirable leadership on a long day's excursion to the Arrabida hills and on a shorter tour of Lisbon...». Entre as principais contribuições de ORLANDO RIBEIRO para esse Congresso contam-se *Le Portugal Central*, livro-guia de excursão, onde sintetiza muitas das suas já notáveis conclusões sobre a geografia dessa área, e *L'île de Madère*, mais outro livro-guia, que também representou um modelo de geografia insular seguido, posteriormente, por alguns dos seus discípulos.

O Congresso de Lisboa representou, para além de tudo, um momento importante da evolução da Geografia portuguesa empreendida por Orlando Ribeiro: consolidada a nível nacional, projectar-se-ia internacionalmente. «A União Geográfica Internacional escolheu-me para um dos seus vice-presidentes. Em

reconhecimento do que, na modéstia dos nossos recursos, tínhamos podido fazer, no Congresso de Washington (1952), onde era o único português e havia delegações numerosas de países importantes, fui designado para ocupar, como primeiro vice-presidente, o segundo lugar na organização mundial de Geografia».

Depois de *L'île de Madère*, o primeiro estudo monográfico de território fora dos limites do rectângulo português da Península Ibérica, uma erupção vulcânica na ilha do Fogo (Cabo Verde), em 1951, dar-lhe-ia não só a ocasião da sua primeira experiência de estudo de fenómenos eruptivos (a outra seria a erupção dos Capelinhos, na ilha do Faial, 1957-1958), mas também a de iniciar a série de magníficos ensaios sobre a expansão portuguesa e os seus efeitos nas terras descobertas. Da primeira, *A ilha do Fogo e as suas erupções*, Lisboa, 1954 (2.ª edição em 1960), galardoada com o Prémio Abílio Lopes do Rego, da Academia das Ciências de Lisboa, ele próprio considerou «por certo a monografia mais completa que me foi possível elaborar; num período amargo da vida, este livro foi a minha principal distração e, talvez por isso, nenhum compus com tanto agrado e em tão pouco tempo. O destino do trabalho foi feliz: descrevendo sem reboço a seca, a miséria e as hecatombes de fome que flagelam as ilhas de Cabo Verde, alguma influência teve no conjunto de providências que, na última «crise», a administração tomou a tempo de evitar o sofrimento e a morte. É-me grato pensar que, para além da intensa comoção com que sempre olhei os «humilhados e ofendidos», alguma coisa pude fazer por eles».

O ano seguinte seria marcado pela edição da monografia em espanhol sobre *Portugal*, Barcelona, 1955, quinto volume da *Geografía de España y Portugal*, combinação original e fecunda dos elementos do território e da civilização, de que ainda está por publicar o texto em língua portuguesa; e pelo início dos ensaios anteriormente referidos, a maior parte dos quais acabaria reunida em *Aspectos e Problemas da Expansão Portuguesa*, Lisboa, 1962.

Os temas sobre as regiões tropicais jamais deixariam de ocupar a atenção de ORLANDO RIBEIRO, como mostram os numerosos títulos da sua bibliografia, de artigos sobre assuntos de Geografia humana comparada, de territórios nos três

grandes continentes, da África, da Ásia e da América. Dirigiu Missões de Geografia que trabalharam na Guiné, na Índia, em Angola e em Moçambique. Visitou e leccionou no Brasil, esteve no México e noutros países da América do Sul. Em colaboração com SUZANNE DAVEAU produziria o interessante manual *La Zone intertropicale humide*, Paris, 1973, onde são utilizados muitos exemplos recolhidos nas suas viagens. Neste momento ultima um livro sobre a Colonização de Angola e seu fracasso, com matérias que, certamente, interessarão muitos leitores e levantarão a discussão sobre elas.

As décadas de 60 e 70 foram ricas em acontecimentos e em contribuições bibliográficas. Em *Atitude e explicação em Geografia Humana*, Porto, 1960 (publicado no Canadá, em francês, em 1962, e retomado nos *Ensaio de Geografia Humana e Regional*, Lisboa, 1970), em *Geografia e Civilização. Temas portugueses*, Lisboa, 1961 (e 1979), em *Mediterrâneo. Ambiente e Tradição*, Lisboa, 1968 (tradução para o italiano, *Il Mediterraneo. Ambiente e Tradizione*, Milão, 1972, e 1976), na 3.ª edição «revista e actualizada» de *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*, Lisboa, 1967, subtulado de *Esboço de relações geográficas* (a 2.ª edição saíra em 1963) brilha com o maior fulgar a capacidade criadora do Mestre, cujo ensino era reclamado noutros grandes centros geográficos, da Universidade do Rio de Janeiro, do Colégio de França, da Universidade Laval no Québec, da Sorbonne, etc. Outros prémios lhe seriam atribuídos, nomeadamente o do Instituto Roberto Almagià (1971), e conferidas importantes distinções por Academias estrangeiras e nacionais.

Em 1966 saía o primeiro número de *Finisterra*, a revista que tanto desejara, «desde há muito entre os planos de trabalho do Centro de Estudos Geográficos de Lisboa» e com o propósito de fazer dela «não um lugar isolado da Ciência mas uma janela aberta para o mundo — que, sendo afinal o campo de trabalho para todos nós, é também o sítio do nosso encontro» (em «Orientação», que escreveu como abertura desse primeiro número da revista). No ano seguinte foi possível a realização do «I.º Seminário Internacional de Geografia», com um número elevado de geógrafos e alunos da «sua» escola, colegas estrangeiros e outros especialistas, interessados nessa Ciência. Mais do que nunca se confirmava

a sua definição de ser «A Geografia, ao mesmo tempo, uma ciência de base e de convergência, um ponto de partida e um lugar de encontro: como uma encruzilhada, portanto, onde se chega e donde se vai por vários caminhos».

«O ensino, com o renovo constante das gerações, é uma das grandes escolas de maturidade e um subterfúgio para iludir o tempo. O professor que sabe envelhecer enriquecendo-se sem se imobilizar, que sempre aspirou e estimulou o convívio com os estudantes, que despertou vocações respeitando personalidades, que serviu a Ciência e a Nação, não pode despojar-se da autoridade que lhe conferem a reflexão e a experiência e não deve abdicar perante qualquer forma de rebelião — por mais generosamente que se mascarem os seus impulsos. Não pode haver «diálogo» onde tudo se «contesta», nem universidades sem disciplina intelectual e humana e sem desejo de entendimento entre as gerações, baseado no respeito mútuo dos direitos e no estrito cumprimento das obrigações de cada um». Escritas em determinado momento e em circunstâncias particulares, estas palavras retratam bem o professor, o universitário respeitado por todos, que a par da sua obra científica de geógrafo tem a não menos valiosa sobre problemas que afectam o ensino em geral e a Universidade em particular. *Problemas da Universidade*, Lisboa, 1964, *Variações sobre temas de Ciência*, Lisboa, 1970, *A Universidade em crise*, Lisboa, 1976, para só citar os livros, são textos frequentemente consultados por quantos vivem preocupados com os males das universidades.

Na *Bibliografia Científica de Orlando Ribeiro*, que tivemos a ocasião de preparar, em colaboração com ANA DA CONCEIÇÃO DOS SANTOS, como homenagem especial ao Mestre, ao Amigo, ao Colega, indicamos-lhe cerca de 300 títulos (livros, artigos e colaborações de menor tamanho, introduções e prefácios, etc.) publicados desde 1934 até 1980. Podem ser repartidos por vários domínios, como da Geomorfologia, da Geografia rural, da Geografia da população, da Geografia urbana, da Geografia humana geral e comparada, da Geografia regional, da Geologia, da História, da Etnografia, do Ensino e investigação científica, etc. Devido ao seu carácter interdisciplinar, alguns dos trabalhos são difíceis de atribuir a um domínio único; servem de exemplo as suas magníficas sínteses sobre contactos de

culturas e de civilizações. À variedade de temas junta-se a de territórios investigados, em Portugal e nas Ilhas Atlânticas, na Guiné, em Angola e em Moçambique, na Índia, no Brasil, no México e no Perú, no Canadá, na França, na Espanha e noutros países europeus. Alguns estão traduzidos em francês, espanhol, italiano, inglês e alemão. Porém, as suas obras, na aparência dispersivas, correspondem a uma concepção unitária da Geografia e inserem-se em rumos de pesquisa que acompanharam grande parte da vida científica.

Prestando-lhe assim uma homenagem muito particular por ocasião do seu Jubileu, acrescentamos o nosso imenso apreço pelo afectuoso convívio de mais de vinte anos, desde que em Outubro de 1958, acedendo ao seu convite, iniciámos a carreira de geógrafo sob a sua orientação.